



**15º Domingo depois de Pentecostes (28.08.05)
Próprio 17**

Primeira Leitura - Jeremias 15.15-21

Na leitura de Jeremias encontramos a reclamação do profeta diante de Deus por causa da Missão que lhe causa dor. O recorte para hoje tem sua conexão com 11.18-2.6, 15.10ss, 18.18-23, 20.7-18, Lamentações ou confissões de Jeremias, diálogo confiante com Deus, mas tumultuado e apaixonado: "foi então que eu descobri as artimanhas deles. Eu era como um cordeiro... verei tua vingança contra pois a ti entrego a minha causa... Tu sabes..." É um misto de confiança, porque se aproxima de Deus, mas também reclama: "tu sabes, mas não fazes nada pelo teu profeta que sofre por tua causa..." Isto nos lembra da importância da coleta de Thomas Cranmer, "... para quem segredo algum está oculto... purifica... com a inspiração do Espírito Santo, para que..." É grandioso esse relacionamento de confiança.

O arrazoado de Jeremias é que ele sofre por causa de Deus. O profeta abriu a mão da vida social e está solitário. Por causa da mensagem de Deus que ele proclama sofre a perseguição e Deus está paciente demais e não quer ser vítima dessa paciência.

Vs.19ss - A resposta está em que o profeta volte a Deus. Voltar reorientar-se. Não é tomar um outro rumo, mas renovar-se em relação Àquele que o enviou. O profeta cumpre a sua missão na medida em que é fiel a quem o enviou, isto é, na dependência confiante. Essa dependência é indicada pela frase: "sendo eu quem te faz voltar" ou "eu te farei voltar". Na relação de fidelidade se tem a mensagem discernida, que sai do leviano e da insignificância para o que tem peso valor. Então estará de pé diante de Deus que é a posição do serviço. E o povo a quem é enviado voltará ao profeta. A mensagem é ouvida de novo. É uma fala sobre a relação de amor. A denúncia profética é vista sob o prisma do amor. Deus ama o povo a quem faz denúncia. Então, a questão da vingança é sobrepujada, transformada.

O maior conforto está em: "estou contigo". A oração e a resposta divina vieram a ser, também, a oração do povo exilado, na sua solidão e humilhação e base de revisão da promessa divina em novas circunstâncias e de sua imagem como povo portador da esperança. Parece que aqui faz ressoar a tensão na vocação do profeta para arrancar e derrubar, para construir e plantar (1.10). O testemunho disso é que o diálogo não permaneceu pessoal de Jeremias, mas comunitário por se tornar parte da Escritura. (Brueggemann e Gerstenberger). E, para nós, herdeiros dessa Escritura, a palavra que veio a Jeremias para voltar não se fez carne por amor de todos e sofreu a dor da Cruz por amor para que todos pudessem voltar? (*Dom Sumio Takatsu*)



Epístola - Romanos 12.1-8

A partir deste capítulo (até o 15:13) São Paulo inicia uma séria e profunda reflexão sobre a "práxis cristã" (fé na prática). Nesta seção epistolar ele adverte aos cristãos quanto à sua conduta ética em meio a um mundo dominado por interesses escusos, estruturas viciadas, pessoas corrompidas e interesses contrários ao estabelecimento dos padrões morais (conduta honesta) requeridos e exigidos para o estabelecimento do Reino de Deus.

O Apóstolo inicia estas exortações práticas apelando à misericórdia divina como quem diz: não somos bons e nem, tampouco, os melhores, mesmo que nos esforcemos muito para isso, mas, única e exclusivamente, pela graciosa e inefável piedade de Deus! E é somente mediante esta imensa misericórdia que somos habilitados/as a oferecer "nossa vida (corpos e almas) em sacrifício santo e agradável a Deus". Assim sendo, cada cristã e cada cristão passa a ser sacerdote/sacerdotisa qualificado/a e desafiado/a a oferecer sacrifícios a Deus porque é a partir da própria vida de cada um/a que preparamos o altar no qual Jesus preside e celebra a Santa Ceia, o Supremo Sacrifício "perfeito, completo e suficiente pelo pecado de todo o mundo". (LOC. Pág. 63, rito I).

No entanto, para isso, precisamos saber discernir e, conseqüentemente, distinguir o "que é bom, agradável e perfeito para Deus". Para isso precisamos transformar as estruturas (injustas) deste mundo a partir da "renovação da nossa mente", através de uma análise crítica e contextualizada deste mundo visando a usufruirmos plenamente da Justiça e da Paz, sinais visíveis de Deus presente e atuante no mundo.

São Paulo retoma a bela e ilustrativa figura do corpo (emprestada de I Co 12) para contextualizá-la na amorosa e ampla diversidade dos dons que todas as pessoas tem e que devem colocar a serviço uma das outras e na construção efetiva do Reino. Deste, também a Igreja ("casa onde habita Deus e assiste a Sua glória" Sl 26:8), deve ser modelo e protótipo e os cristãos/ãs, por sua vez, devem ser um eloqüente testemunho (eficiente e eficaz), pois, "tenho andado em minha integridade" (Sl 26:11). Nesta "comum unidade" (comunidade) ninguém detém todos os dons e, muito menos, ninguém pode arvorar-se o direito de ser o único canal e o "exclusivo empresário (representante) de Deus". É na diversidade da comunidade que aparece o resplendor da magnífica e exuberante criação e criatividade de Deus (apesar das nebulosas e questionáveis tentativas de algumas pessoas e/ou instituições tentarem engessar, uniformizar e ditar o que é e o que não é da vontade de Deus!).

É óbvio, porém, legítimo e necessário, que o apóstolo correlacione os variados dons com suas conseqüentes aplicações práticas para que o testemunho tenha fundamento, solidez e coerência. Portanto - profecia tem a ver com fé; - serviço tem a ver com servir; - ensino tem a ver com ensinar; - conselho tem a ver com aconselhar; - generosidade tem a ver com repartir; - autoridade tem a ver com cuidado amoroso; e misericórdia tem a ver com alegria. Ou seja, o dom só se legitima a partir de sua ressonância no cotidiano da vida, isto é, não pode haver distância entre aquilo que cremos (e pregamos) com aquilo que fazemos. Caso contrário estaremos, literal e



hipocritamente, “pregando moral de cuecas!”. Aliás, aqui pode-se fazer uma conexão com o relato evangélico a partir da afirmação cristológica de São Pedro (no Evangelho do domingo passado) e de sua falta de fé e grande temor (no Evangelho de hoje, Mt 16:21) demonstrando assim, sua incoerência entre fé e ação (que ele recupera no pós-ressurreição tornando-se uma das “colunas da Igreja”). É exatamente o que também diz o oráculo do profeta: “se você disser palavras de valor (coerentes) tua boca será a minha” (Jr 15, 19b). Ou seja, a “palavra” que se diz tem que ter ressonância com naquilo que se faz, afinal, são os dois lados da mesma moeda (Tg 2).

É nas situações adversas e contraditórias que afirmamos ou negamos o que cremos, ou seja, é no oferecimento material de nosso ter (através de nosso corpo) que reafirmamos o que cremos no mais profundo de nosso ser (sedimentado em nosso espírito). (Rev. Ramacés Hartwig)

Santo Evangelho - Mateus 16.21-27

1º. Comentário – A narrativa sugere um novo momento do Mestre com seus discípulos. É como se um “*módulo intensivo*” começasse, no qual o *professor* passa a ensinar sobre um conteúdo de difícil compreensão abordando temas que os *alunos* se recusam a aceitar: sofrimento, morte e ressurreição do Filho de Deus. Se, por um lado, Jesus segue seu caminho (ficar com o Pai,) os discípulos seguem o deles, ficar sem Jesus. As oposições e contrastes marcam o texto:

(a) Primeiro - temos Pedro, *instrumento de Deus e do diabo!* .É o discípulo resistindo à verdade. Assim, o mesmo homem que havia dado um passo à frente de seus companheiros declarando a messianidade de seu líder, agora recua de forma declarada recusando-se a aceitar os caminhos daquela nova história da qual eram protagonistas. Se antes, fora uma face humana de Jesus que se revelara em forma de pergunta (16:13), dessa vez, é a humanidade do discípulo que fala mais alto em forma de resposta: Então Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: “Nunca, Senhor! Isso nunca te acontecerá” (16:22). A intenção era boa, mas não procedia da mesma fonte de outrora. Como Pedro, e ainda que “bem intencionados”, muitos promovem a confusão chegando a pregar um evangelho “segundo si mesmos” ou conforme convicções e interesses unicamente pessoais - e não fazem parte desse “grupo de risco” apenas os fanáticos ou fundamentalistas, por isso é preciso sempre ter cuidado.

(b) Segundo - o que se passa é que Jesus começa a revelar o conteúdo dos capítulos que viriam e *revelações sempre trazem conflito!* Pedro havia sido o canal da revelação, mas não estava preparado para suas implicações, suas conseqüências, ainda mais de forma tão extrema. O mesmo ocorre conosco. Nem sempre estamos preparados para os compromissos, as responsabilidades, as conseqüências advindas do conhecimento – revelação - sobre Deus. Às vezes, limitamos nossa prática religiosa a, no máximo, quatro domingos por mês na Paróquia e nada mais além disso.



Seguimos nossa vida totalmente alheios às responsabilidades e compromissos que cabem a cada um, enquanto cristãos e filhos de Deus.

(c) Terceiro - *revelações demandam mudanças* - há verdades sobre Jesus que não queremos aceitar e muito menos seguir, pois resultaria em novas escolhas e, quem sabe, grandes mudanças para as quais não estamos preparados ou, simplesmente, não temos o menor interesse em realizar e, assim como Pedro, retrocedemos quando deveríamos avançar. É que nós, assim como o discípulo, entramos em conflito: saber *versus* fazer; teoria *versus* práxis; revelação *versus* transformação; fé *versus* ação.

(d) Quarto - *maldito ou bendito madeiro?* Certamente perturbou Pedro a idéia de um Cristo que não fosse *100% sucesso*. Todos conheciam a prática romana, já haviam visto as cenas do crucificados e não era nada boa; além disso, como lidar com a tradição do AT (Dt 21:23)? É a tentação de nossos dias: apresentar um Cristo que não é apenas sucesso, mas traz o sucesso material, emocional, familiar, espiritual além de transformar cada um em *um supercrente, imbatível, intocável, inabalável*. Outra tentação pode estar do lado oposto, isto é, a pregação na qual Jesus é aquele que legitima nossas falhas e erros e não convoca para a conversão diária.

(e) Quinto - *abrir mão para alcançar, perder para ganhar* - Essa não é uma lógica à qual o ser humano está acostumado, aliás, na visão da sociedade *pós-moderna* trará mais prejuízos que ganhos. Em um mundo que defende a afirmação do eu pela negação do outro, que contabiliza os ganhos e exclui *o perdedor*, como entender a proposta de Jesus; mais que isso, como vivê-la? Muitas possibilidades de leitura se abrem e há vários livros que desenvolvem belamente o assunto, caso você se proponha a deter-se no tema. O que trazemos aqui é uma pequena contribuição:

- salvar a vida é pôr a salvo a vida e confrontar os sinais de morte que a ameaçam;
- tomar a cruz é rever valores e prioridades e entender o paradoxo que cerca e sustenta a própria vida.

A pregação de Jesus confronta o legalismo farisaico de seu tempo. Tomar a cruz, pois, tem a ver com decisões pessoais e não exatamente com restrições e convenções determinadas por grupos farisaicos de nosso tempo. Para muitos cristãos, abrir mão de algumas práticas é um verdadeiro sacrifício; para outros, deixar de fazer alguma coisa de que gostam é uma verdadeira cruz. Contudo, qual o valor de algo se não servir para promover a vida? Há períodos em que a maior força *anti-vida* com a qual temos de lutar é a nossa própria; não porque desejemos a morte, mas porque nos fechamos em nós mesmos de tal forma que pouca coisa, além do nosso próprio mundo, parece nos interessar. A cruz que carregamos é nossa, não de Cristo, por isso se torna tão pesada. Reflitamos sobre o assunto. (*Selma Almeida Rosa*)

2º. Comentário - A Igreja e seus líderes nunca estiveram imunes à contradição e ao engano. Esses nascem da nossa incapacidade de compreender a grandeza do projeto divino. Pedro é um bom exemplo. Ele acaba de confessar que Jesus é o Cristo, mas não conseguiu discernir o significado sacrificial de seu ministério. Por isso, o mesmo Pedro que confessa ousadamente a fé, também tenta desviar Jesus do seu propósito e dos planos do Pai. O triunfalismo de Pedro não era capaz de vislumbrar o poder



transformador do auto-sacrifício. Mas não existe fé cristã nem redenção sem a cruz. Sempre que a Igreja ou suas lideranças apresentam o Evangelho extraindo dele as ênfases sacrificiais ou envergonhando-se do sofrimento, já não se trata do Evangelho de Cristo. Essa pregação torna-se escândalo, pedra de tropeço. Sem a doação de si mesmo, isto é, sem negar-se a si mesmo, Cristo não cumpre a sua Missão.

A mesma pedra que edifica, também causa tropeço e obstáculo à Missão de Cristo. O porta-voz do reconhecimento humano do senhorio de Cristo se torna pedra de tropeço ou obstáculo. A primeira parte desse texto alerta a todos (leigos/as, clérigos/as e bispos) para que tomemos cuidado com nossas próprias contradições. Não podemos moldar um evangelho ao nosso gosto, como pretendia Pedro. Este será sempre um evangelho mutilado.

Os vs.24 e 25 fazem lembrar a metáfora da semente em João 12. É preciso morrer ou renunciar a privilégios para se produzir vida. Não há nada mais radical que a auto-doação, principalmente em nosso mundo no qual falta tempo para tudo.... doar a nós mesmos, nos auto-sacrificarmos pelo próximo, pela Igreja ou pelo Reino, é sinal de que compreendemos o caminho de Cristo e o seguimos. Para a comunidade de Mateus, seguir a Jesus implicava em aceitar a perseguição por parte dos judeus e o possível martírio. Hoje, as coisas parecem mais fáceis, e talvez exatamente por isso, não conseguimos compreender a abrangência dessa renúncia.

Negar a nós mesmos não é fácil. Isso implica em reconhecer que tudo o que moldou nossa personalidade ao longo da vida (nossa educação familiar, projetos pessoais, ambições) devem ser relativizados. É negação da autocentralização, libertação da preocupação conosco mesmos para encontrar o caminho do Reino, tal como afirmou domingo atrás a parábola dos que venderam tudo para adquirir o tesouro ou a pérola de grande valor (13.44ss.) A recompensa não pode ser calculada em proporções humanas. Por isso a menção escatológica do vs. 27: somente na dimensão maior do propósito de Deus para toda a criação compreenderemos o valor da renúncia e do seguimento do Evangelho. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*).